



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOSÉ LUKAS PEREIRA DE SOUZA

**PEDRA DO CONVENTO: MITOLOGIAS DE UMA COMUNIDADE RURAL –
ITATUBA – PB**

CAMPINA GRANDE – 2015

JOSÉ LUKAS PEREIRA DE SOUZA

**PEDRA DO CONVENTO: MITOLOGIAS DE UMA COMUNIDADE RURAL –
ITATUBA – PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio.

CAMPINA GRANDE – 2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729p Souza, José Lukas Pereira de.
Pedra do Convento [manuscrito] : mitologias de uma comunidade rural - Itatuba - PB / Jose Lukas Pereira de Souza. - 2015.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque, Departamento de História".

1. Mitologia. 2. Pedra do Convento. 3. Imaginário social. I.
Título.

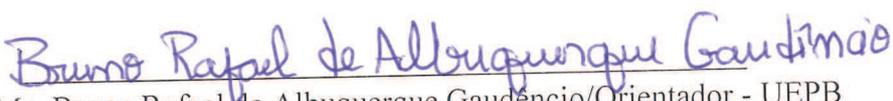
21. ed. CDD 291.13

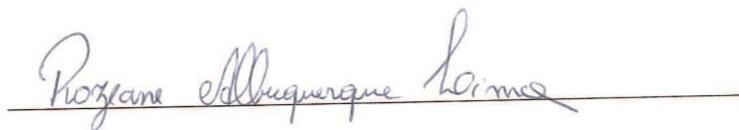
JOSÉ LUKAS PEREIRA DE SOUZA

PEDRA DO CONVENTO: MITOLOGIAS DE UMA COMUNIDADE RURAL –
ITATUBA – PB

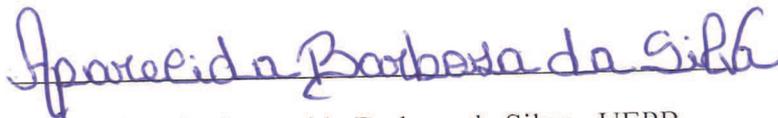
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

APROVADO EM: 16/06/2015


Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio/Orientador - UEPB



Profa. Me. Rozeane Albuquerque Lima - UEPB



Profa. Me. Aparecida Barbosa da Silva - UEPB

CAMPINA GRANDE – 2015

SUMÁRIO:

1.....	INTRODUÇÃO
2.....	REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLOGICO
3.....	LOCALIZAÇÃO DA PEDRA DO CONVENTO
4.	ANALISE DOS DADOS
4.1.....	UMA MÉMORIA DOS ANTEPASSADOS
4.2.....	JUVENTUDE E SEU OLHAR SOBRE OS MITOS
5.....	CONSIDERAÇÕES FINAIS

PEDRA DO CONVENTO: MITOLOGIAS DE UMA COMUNIDADE RURAL – ITATUBA – PB.

José Lukas Pereira de Souza¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar as mitologias a cerca de uma Rocha tida como encantada e milagrosa, existente em uma comunidade rural, localizada no sítio Serra Velha do município paraibano de Itatuba, que leva o nome Pedra do Convento. O eixo discursivo do trabalho é a relação de olhares que a comunidade compartilha sobre a Pedra e os seus mitos, onde a memória, lembranças e experiências misteriosas dos moradores foram relatadas, por meio de entrevistas, buscando observar o olhar das pessoas mais velhas, e o olhar dos mais jovens da comunidade e quais suas posições acerca desse campo que envolve mistérios, lendas e crenças. Este trabalho foi realizado numa perspectiva da História Cultural, e o dialogo teórico para fundamentar este trabalho foi feito com alguns estudiosos pertinentes a essa área de assunto, como Robert Charroux, Carlos Augusto Serbana, Maurice Halbwachs, entre outros, que deram aparatos necessários para o desenvolvimento e realização deste trabalho.

PALAVRA – CHAVE: Mitologia, Pedra do Convento, Imaginário Social.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui proposto tem o proposito estudar o imaginário social sobre a Pedra do Convento, localizada na cidade de Itatuba – PB, monumento natural situado na comunidade Sítio Serra Velha. Tal aspecto relacionado ao imaginário foi compreendido através de depoimentos de habitantes do lugar, de diferentes idades, buscando entender a representatividade do mito a partir da memória individual e coletiva que o povoado compartilha entre si até os dias atuais, observando cada perspectiva lançada pelo entrevistado ao que se refere à Pedra do Convento e sua história. Procuramos observar as transformações de olhares com o passar do tempo, de habitantes do lugarejo onde se encontra a Pedra do Convento, dos mais antigos aos mais jovens, observando os pontos de convergência e divergência nas falas dos moradores.

O motivo da escolha por este tema é uma atração presente desde a infância e a adolescência pelo monumento natural Pedra do Convento. Com o tempo o tema passou

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura de História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

a tornar-se interessante do ponto de vista acadêmico, relacionado a paisagem natural e a sua história, compreendendo a história e a memória referente a Pedra do Convento.

Estudar a construção dos mitos presente neste local, e quais as caracterizações que o campo do imaginário representa no mundo das mentalidades daquele povoado, transmitido pelos moradores através da oralidade, pretendemos observar a especificidade da sua sacralização, representada pelas narrativas dos moradores da comunidade (principalmente os mais antigos), onde se constitui contos, fabulas e mistério envolvendo a Pedra do Convento.

Esse estudo é de relevância para a história local, como também para os níveis macros, não se limitando as fronteiras do município, pois nosso trabalho deu voz a uma história silenciada e esquecida para muitos habitantes do lugarejo e da cidade de Itatuba, Paraíba. Acreditamos que nosso trabalho é uma tentativa de vencer este silenciamento.

Esta pesquisa se insere na perspectiva da História Cultural, tendo como eixo as narrativas de moradores da localidade onde se encontra a Pedra do Convento, em Itatuba (PB), nesse sentido o contexto do estudo histórico sobre as mitologias da Pedra do Convento se fazem na interpelação entre História Oral e Memória, dialogando com outras categorias como imaginário:

O termo “imaginário” vem sendo cada vez mais utilizado e tendo maior penetração nos estudos teóricos, entretanto está difusão e utilização são responsáveis por uma grande variedade no seu sentido e conceito. Normalmente ele não é definido de forma rigorosa e acaba por incluir várias noções e conceitos considerados de uso comum, tais como a imaginação, a fantasia, a ilusão, o fictício, o irreal entre outras. (COELHO, 1997, p. 212).

Além da discussão de imaginário, que iremos retomar mais a frente nos referenciais teóricos e metodológicos, cabe também uma alusão inicial sobre a questão da oralidade, visto que o caminho seguido para a realização desse trabalho teve como fontes basilares a história oral e a memória inserida dentro do campo da História Cultural, tendo como sujeitos principais moradores da comunidade sítio Serra Velha que vivem circunvizinhas a Pedra do Convento e desde cedo ouviu relatos sobre o misticismo religioso que envolve a Pedra, que por sua vez foi passada de geração a geração através da oralidade.

Entretanto, trabalhei também as modificações feitas através de olhares sobre o lugar, como chamo de um “novo olhar” que não é mais esse olhar sacro dos mais antigos da comunidade, e sim um olhar mais turístico como os jovens relatam em suas entrevistas que eu coletei, onde não se perdeu o encantamento por sua beleza natural,

porém, não se tem mais a crença de um lugar santo encantado, muito embora eles respeitem o olhar dos mais velhos sobre a Pedra do Convento e seu imaginário.

A História do Imaginário estuda essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais, e por esses conectores analisaremos a interação social da comunidade junto ao imaginário que rodeia a seara da imaginação da Pedra do Convento. É importante mencionar que esse sentimento, cabe-se apenas restritamente as pessoas que vivem e convivem na comunidade, sendo a sim compartilhado apenas entre eles. Ou seja, seu poder de representatividade só faz sentido se estiver em relação com aquela comunidade, não cabendo sua amplitude para outra esfera que seja fora do contexto daquela região denominada sítio Serra Velha.

Portanto, dentro do contexto da memória e da narrativa é que analisaremos os aspectos sociais e culturais em torno da mitologia referente a Pedra do Convento a partir do olhar de sua comunidade, buscando compreender através de cada narrativa apresentada pelos entrevistados, qual a relação entre a Pedra e a comunidade. Para alguns o monumento natural é tido como um lugar santo e de acontecimentos milagrosos e míticos com aparições de seres mitológicos, como um herói encantado advindo do céu em um cavalo iluminado que sempre aparece em noites do mês de junho, entre outros relatos; para outros não passa da imaginação local que veio através dos mais velhos moradores que ali moraram.

Muito embora não se tenha nem um documento físico que trate desse assunto na comunidade, porém as narrativas são ricas de detalhes por parte daqueles que defendem que a Pedra do Convento como um lugar de adoração. Desta forma, não pretendo trabalhar que o mito seja falso ou verdadeiro mais sim o que a Pedra do Convento representa para aquela comunidade.

A divisão estrutural do artigo aqui apresentado ficou definida de tal maneira: primeiro momento: realizamos uma fundamentação teórica e metodológica; num segundo momento, fizemos um histórico da localidade onde se encontra a Pedra do Convento e realizamos uma análise, a partir das coletas de dados e entrevistas com os moradores, onde do qual selecionei cinco entrevistados que tem conhecimento sobre os relatos dos acontecimentos que envolvem todo esse campo ritualístico do local e por fim as considerações finais e a conclusão do mesmo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO.

Os nossos antepassados acreditavam, desde tempos remotos, em reinos encantados, visões do desconhecido, em seres sobrenaturais, experiências diferenciadas ao conhecimento científico. Diante dos relatos das experiências mitológicas, um leque de teorias abre-se diante nós, em especial em torno da história oral, transpassada pela memória social, que sempre o conhecimento popular desconhece como riqueza científica. Dentro dessa perspectiva encontra-se o imaginário ligada a mitologia. O mito ou pensamento mítico que persiste em nossas sociedades desde os primórdios desse globo terrestre, sejam em lendas, contos, fábulas entre outros tipos.

É incontestável que os homens do nosso século já não possuam a psicologia do maravilhoso, que outrora permitia acreditar num outro universo paralelo, dessa natureza. É talvez ao segredo perdido dos antigos, perdido com a palavra, ao elixir de iniciação à faculdade de entrar no mundo em igualdade de plano que agora damos o nome de sobrenatural, com o sentido de impossível e de mítico. (CHARROUX, 1975, p. 19).

Nessa perspectiva, podemos dizer que vivemos hoje, dentro de uma profusão enorme de campos interdisciplinares, que em sua maioria tem nos revelados vários estudos históricos a partir de novos objetos e novas abordagens de pesquisas históricas. E o que contribuiu para isso foi surgimento conceitual da “Nova História Cultural”, pela Escola dos Annales e que teve suas recepções no Brasil a partir do ano de 1980.

Os anos 80, particularmente, viram multiplicar-se, um pouco por toda parte, os cursos superiores (de graduação, pós-graduação e extensão) voltados especificamente à formação de recursos humanos para a área da mediação cultural, entendida como o domínio das ações entre a obra de cultura, seu produtor e seu público, em substituição ou complementação aos antigos cursos mais ou apenas preocupados com a obra, sua produção, inteligência e conservação. (COELHO, 1997, p. 08).

Nesse campo de estudos surgiram vários trabalhos relacionados sobre tudo a estruturas das chamadas culturas populares, ou seja, os organismos chamados de micro poderes da sociedade. Muito tem se discutido nas academias sobre a origem, os conceitos e as críticas sobre o campo das chamadas Histórias Culturais, ou nova História Cultural, pois esta é uma das práticas historiográficas mais comuns e difundidas na atualidade.

Mas, apesar de seu sucesso, seus conceitos e sua história não possuem uma uniformidade entre os historiadores, e principalmente entre os críticos dessa área, onde muitos veem a História Cultural ou a Nova História Cultural, como sendo a herdeira da história cultural do século XVI, apenas um método conservador de se narrar fatos, sem

fazer a problemática do estudo, ou a continuidade da história das mentalidades, surgida na França nos anos de 1960, e que logo ganhou suas críticas e seus descredito, no meio acadêmico. Entretanto a quem defende este campo de estudo e diz que a História Cultural é rica, e tem em sua particularidade uma gama de campo de estudos que podem ser desenvolvidas, a partir do relativismo e interlocuções desses campos interdisciplinares, que se inserem, o campo cultural, político/social, econômico entre outros aspectos do construtivismo da sociedade.

E nessa estrutura do campo de estudo que envolve a chamada Cultura Social, se incluir cada vez mais estudos historiográficos sobre Lendas, Mitos, Fábulas entre outros estudos através da História Oral pela Memória. É nesse pilar de estudo é que consiste o meu trabalho.

A oralidade é uma das ferramentas mais antigas do mundo para se trabalhar sobre história, porém seu uso como ferramenta foi muito discutido e marginalizado por varias vertentes da historiografia, onde muitos viam com descrédito essa ferramenta para o cunho historiográfico, onde se considerava meras narrações de acontecimentos ou casos de um passado sem nenhuma fundamentação analítica que desse crédito a tal estudo, sendo visto principalmente pela linha teórica da História Positivista, mas com os surgimentos de novas abordagens teóricas para o conhecimento histórico, a oralidade obteve seu espaço, entretanto devemos tecer certos cuidados ao trabalhar com fontes orais.

Os pesquisadores que interpretam a história oral como metodologia entendem, que ela é uma ponte entre a teoria e a prática, que estabelece e ordena procedimentos de trabalho, como os tipos de entrevista e suas implicações para a pesquisa, as possibilidades de transcrição das fitas gravadas, as maneiras de lidar com os entrevistados.(FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, 1996, p.15).

Junto a História Oral, está ligada como conector para o desenvolvimento da História do meu trabalho, a Memória que também é campo de estudo da historiografia, e que vem sendo muito discutido nas academias na atualidade. A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si. (HALBWACHS, 1990, p. 289).

Nesse sentido, aparado pela teoria Halbwachiana, estudei e analisei o sentido da memória coletiva inserida na comunidade Sitio Serra Velha, referente ao mito da Pedra do Convento, que faz com que todos da comunidade compartilhem ente se memórias relativas a esse campo mitológico. Onde de certa maneira o mito permanece “vivo” e praticável, quando vemos sujeitos da comunidade a realizar rezas e oferendas atribuídas

a Pedra Misteriosa, que muitos moradores a atribuem milagres e curas por meio de sua adoração e fé. O que torna a comunidade coesa é a instituição coletiva do imaginário social. Para Halbwachs o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre um trabalho do sujeito. (HALBWACHS, 1990, p. 288).

Esse aspecto fica evidenciado na cultura da localidade Pedra do Convento, quando observamos as falas dos entrevistados em seus relatos que sempre faz referências a relatos de pessoas que os antecederam, ou seja, constrói uma Memória a partir de outros relatos de pessoas ou grupos que viveram antes do que eles naquela comunidade, e que edifica todo o imaginário social do Sítio Serra Velha.

A História do Imaginário estuda essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais. O Imaginário será aqui visto como uma realidade tão presente quanto aquilo que poderíamos chamar de “vida concreta”. (BARROS, 2004, p. 23).

Esses caminhos teóricos fazem com que nosso trabalho ganhe corpo, oferecendo todo aporte teórico e metodológico para realizar e concluir este trabalho histórico com êxito.

3. LOCALIZAÇÃO DA PEDRA DO CONVENTO

A Pedra do Convento faz parte de uma aglomeração de várias rochas situadas na comunidade rural denominada de Sítio Serra Velha, que faz parte do Município paraibano Itatuba, distante 120 quilômetros da capital João Pessoa, e cerca de 50 quilômetros de extensão da cidade de Campina Grande. O município de Itatuba encontra-se na região Agreste do Estado da Paraíba, sua emancipação política ocorreu no ano de 1961, no período quem governava o Estado era o Governador Pedro Moreno Gondim. Antes disso Itatuba pertencia ao município de Ingá, sendo o maior distrito deste na época. O município conta hoje atualmente com cerca de 10.000 (dez mil) habitantes, segundo o último censo realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

O sítio Serra Velha fica na região da chamada Serra do Bodopitá, cadeia de serras que se alonga continuamente por aproximadamente 45 km, nascendo, seguindo o sentido oeste-leste, na margem esquerda do riacho Bodocongó, limite municipal entre

Caturité e Queimadas, e se estende até a localidade de Serra Velha, que serve de limite territorial entre Itatuba e Ingá (OLIVEIRA, 2008).

Essa cadeia de montanhas do planalto da Borborema foi palco de vários acontecimentos da chamada Pré-História de nossa região. São conjunto de rochas que guardam histórias na memória de seus habitantes. Pessoas simples, humildes e trabalhadoras, que quando perguntadas a respeito de tais testemunhos não fazem a menor cerimônia em exibir ou até mesmo contar lendas, vividas ou repassadas por seus ancestrais.

Antes mesmo de demonstrar importância para a História, a Serra Velha é a responsável pelo nome da cidade. Do tupi: *Ita*: pedra / *Tuba*: grande, em abundância. Itatuba recebe este nome devido à localidade que é conhecida por suas fabulosas pedras enormes e de curiosos formatos. A localidade possui furnas que serviram de abrigo para os índios, como também refúgio para cangaceiros como o famoso Antônio Silvino², que segundo moradores, atuou nesta região no início do século XX. São inúmeros os acontecimentos históricos que cercam o local.

A comunidade Serra Velha fica distante do Município de Itatuba cerca de 12 (doze) quilômetros, seu acesso é feito por uma estrada vicinal, o Sítio Serra Velha conta com uma beleza natural ímpar, onde podemos desfrutar de bons rios de águas limpas e claras. E também de sua Beleza rochosa a exemplo da Pedra do Convento, a Pedra da Janela, a Pedra da Furna entre outras que são lindas e fascinantes em suas formas, onde até mesmo são usadas para a prática de rapel, hoje a comunidade é bastante visitada também por conter várias inscrições rupestres espalhadas pelas pedras existente na localidade, propiciando assim aos visitantes uma trilha ecológica em busca dessas belezas naturais.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A partir desse momento apresento os levantamentos dos dados realizados durante as entrevistas feitas sobre o tema da Pedra do Convento e suas Mitologias. É válido lembrar que essas entrevistas foram restritamente realizadas apenas com

² Manoel Batista de Moraes, vulgo Antônio Silvino, nasceu no Estado de Pernambuco na cidade de Afogados da Ingazeira no ano de 1875, e morreu aos 69 anos na cidade de Campina Grande, depois de cumprir 23 anos de prisão. OLIVEIRA JUNIOR, Rômulo Francisco de – ANTÔNIO SILVINO: De Governador dos Sertões a Governador da Detenção (1875-1944), 2010.

moradores da localidade que se encontra o monumento natural, ou seja, moradores da comunidade Sítio Serra Velha. Outro ponto também de grande relevância, é que este trabalho não tem a pretensão de discutir o que é verdade ou mentira, e sim apenas fazer o trabalho histórico que dê voz a cultura mitológica que cerca aquele povo, que tem tanto amor e fé pela rocha milagrosa. Os dados coletados durante toda a pesquisa serão apresentados em recortes, dando-se ênfase aos fenômenos mais recorrentes e os que de alguma maneira, encontra-se convergente entre os entrevistados.

Por se tratar de uma pesquisa onde a base do estudo é um tema um tanto delicado, que envolve crença, fé, é necessário alguns cuidados na sua realização, como não expor os entrevistados quanto há questionamentos de sua religião ou prática religiosa. Em momento algum durante a realização das atividades de campo, os entrevistados foram expostos a atividades que lhes pusessem diante de situações constrangedoras ou do ridículo, assim, todo o material aqui apresentado foi fornecido espontaneamente por todos os entrevistados. As entrevistas foram feitas através de um gravador portátil, e de maneira aberta sem construção de roteiro a ser seguido, entretanto, foi realizada em torno da oralidade sobre as memórias e lembranças sobre a Pedra do Convento e seus Mitos. E, é importante levar em consideração que quase a totalidade dessas pessoas diz ser católico, o que de fato, vai de encontro aos dogmas religiosos da instituição, que por sua vez diz que isso não passa da imaginação popular local, porém devemos levar em consideração a pluralidade, as relações entre modernidade e tradição, devemos considerar a “aculturação religiosa” e também chegar a crer que talvez esses fenômenos possam ultrapassar os limites propostos por uma instituição religiosa, qualquer que seja, ou por simples teorias científicas. Por último as entrevistas foram realizadas em dois blocos, no primeiro as entrevistas foram realizadas com três pessoas com idades entre 60 a 78 anos, onde foi coletadas memórias sobre os mitos da Pedra do Convento, tanto de suas próprias experiências com relação a rocha, como também o que eles ouviram dos seus antepassados acerca do assunto estudado. E no segundo bloco de entrevistas procurei ouvir dos mais jovens relatos sobre a Pedra do Convento, e qual sua visão sobre os mistérios que envolvem o monumento natural, do qual foram selecionados também dois moradores da comunidade.

4.1 UMA MÉMORIA DOS ANTEPASSADOS

Memórias e lembranças sobre a Pedra do Convento transpassada por gerações. A primeira entrevista ocorreu no dia 11 de janeiro de 2015, na sua casa situada aos “pés” da trilha que dá acesso a Pedra do Convento. Dona Luzia Bezerra da Silva, idade 62 anos, aposentada como professora do Ensino Fundamental pelo Município de Itatuba, e como ela mesma disse mais conhecida por Lia, é moradora da comunidade Sítio Serra Velha desde que nasceu, “Eu nasci, me criei, moro e vou morrer aqui”, a entrevista com Dona Lia durou cerca de quarenta e cinco minutos, onde a qual ela mesma autorizou ser realizada se fosse apenas à gravação da voz sem imagens da mesma, e assim foi feito. No primeiro momento ela nos relatou sobre um pouco da sua vida familiar quando ainda era criança e que foram as primeiras vezes que ouviu falar nos encantamentos da Pedra.

Dona Lia teve uma infância difícil, nasceu em uma família pobre vivendo totalmente da agricultura. Na infância o seu maior sonho era vir pra cidade estudar, entretanto sua família detinha poucas condições para realizar este objetivo. Foi então que recebeu o auxílio de uma tia que a ajudou cedendo sua casa durante a semana para que continuasse seus estudos. Nos finais de semana retornava para a casa no Sítio Serra Velha. Segunda a nossa personagem era de costume da família sentar-se no terreiro para da sua casa e ouvir as histórias de seus avós maternos que também residiam com pais. Os relatos traziam sempre a Pedra Encantada enquanto cenário.

Perguntada sobre os motivos do nome Pedra do Convento, nossa personagem assim nos respondeu:

Há, meu filho, isso é muito antes dos meus avós, isso eu acho já vem dos avós dos meus avós, mais ouvi dizer que esse nome foi porque sempre que existia um casamento aqui no sítio o povo ia lá pra Pedra para comemorar, todo mundo junto, por isso o povo chama de Convento, pois eles comemoravam o casamento, e pediam aos anjos que vivem na Pedra proteção e felicidades para os noivos. (LUZIA BEZERRA DA SILVA, 2015).

Nesse ponto já temos uma definição por parte da primeira entrevistada, de o porquê do nome dado a Rocha, pois, segundo em seus relatos a cultura local nutria uma reunião da comunidade junto a Pedra para festejar e agradecer ao Deus as bênçãos realizadas naquele Sítio, e isso também era feitos nos chamados batizados, realizados em crianças recém-nascidas da comunidade, que eram levadas até a Pedra para serem agraciadas com saúde e proteção, isso era bastante difundido entre a comunidade.

As mulheres depois de dá a luz, minha avó dizia que tinham que batizar a criança no pé da Pedra, para que elas não morressem, olhe meu filho e teve caso aqui que a mãe não fez isso e a criança morreu, pode acreditar, minha avó mesmo falou que isso aconteceu e que já era pra ter cuidado com isso. (Idem).

Percebemos o quanto essa Pedra do Convento é importante na vida dos moradores da localidade quando ouvimos como nestes relatos, que os círculos da vida vão sendo relacionados com o monumento, como o nascimento e o casamento.

Outro relato bem intrigante sobre o mistério da Pedra do Convento é quando dona Lia afirma:

A Pedra ela tinha um encanto que se abria e se fechava e dentro dela existia toda uma louças que os moradores quando iam das festas iam lá e pegava com uma condição depois de usa, colocar tudo lá de novo, minha avó dizia que era colheres de ouro, pratos, taças entre outras coisas, mais certo dia teve uma pessoa que pegou essas louças de ouro emprestado da Pedra, e devolveu faltando uma peça, e com isso a Pedra se fechou e nunca mais abriu pra ninguém, você pode ir lá e vai notar que mesmo na frente dela tem umas marcas como uma porta que foi fechada. (Idem).

E ao chegar mesmo de frente a Pedra é perceptível notar umas manchas em formato de uma grande porta, e umas escrituras rupestres, escritas ao lado desta mesma mancha de teor escuro. E entre essas gravuras identificassem uma estrela bem grande direcionada ao nascer do sol, e que sempre se vê uma luz clara azul rodeando a Pedra do Covento à noite.

Existe uma luz que circula toda a Pedra a noite, que sai da Pedra e volta para a Pedra isso, eu só não ouvi do meu pai, minha mãe, dos meus avós, como também já vi, isso eu digo com toda certeza eu vi, e não era ninguém não, porque isso eu vi até em noite de inverno pesado, com o mato fechado, e caçador não se arisca assim não. (Idem).

E esse comentário é o que se houve entre os entrevistados.

Já a segunda entrevista desse primeiro bloco foi realizada com João do Fausto da Silva, morador mais próximo da Pedra do Convento, pois este possui sua casa no alto da Serra Velha, cerca apenas de 60 a 80 metros do monumento. É um lugar ermo totalmente isolado, porém sua beleza natural é impressionante, pois da residência do mesmo é possível observar toda a comunidade e seus arredores, com seus vários pés de frutas como manga, goiaba e graviola.

João de Fausto da Silva, atualmente com 74 anos de idade, todos os sábados desce a serra cedo com os seus burros lotados de frutas no caixote para vender na feira de Itatuba. É uma figura conhecida por todos moradores, tanto da comunidade, como

também do município em geral. Figura simples, agricultor desde menino, teve cerca de oito filhos, atualmente todos morando na cidade.

Exímio conhecedor da Pedra do Convento, pois convive ao lado dela desde menino, ele conta tanto suas experiências, como os relatos que ouviu de seus pais, tios e avós sobre a magia do monumento:

Essa Pedra jovem, ela tem magia, ela é encantada, existe um mistério nela que ninguém conseguiu descobrir, e nem vai, olhe e tem que ter respeito a ela, esse povo que vem aqui para visitar e ficar subindo e descendo dela tem que ter respeito a essa Pedra, eu sempre digo a quem vem aqui, o que fez você vim aqui saber sobre essa Pedra? (JOÃO DE FAUSTO DA SILVA, 2015).

Um dos aspectos que chama atenção na fala de João de Fausto é o fato do mesmo ser evangélico, e ao mesmo tempo ter toda uma fé no que ele chama de Rocha Milagrosa. Segundo as suas próprias palavras sua família foi uma das primeiras a aceitar o Protestantismo na comunidade, ainda no início dos anos 1980, entretanto mesmo sendo “crente”, ele faz questão de contar os fatos sobre mistérios que envolvem a Pedra do Convento.

Meu pai, morreu aos 91 anos, morou e morreu aqui nessas terras, ele dizia que essa Pedra tem o encantamento dos índios, por que era o lugar onde eles praticavam suas crenças, e também ele chegou a vê uma imagem de um homem montado em um cavalo iluminado, como alguém que fazia a guarda da Pedra e esse homem sempre aparecia vindo do céu, era o ser todo iluminado, quantas noites meu pai chegou lá perto da pedra seguindo uma luz azul e essa luz quanto mais perto ele chegava mais luminosa fica e de repente sumia. (Idem).

Em suas memórias seu João de Fausto lembra também das inúmeras ossadas humanas encontradas próximas a Pedra do Convento, e também em outras Pedras semelhantes, como a Pedra das Furnas, em que seu pai afirmava ser dos índios originários do lugar. Provavelmente os Tarairuis ou os Cariris.

Compreendemos que João de Fausto, como conhecedor do lugar tornou-se um dos grandes difusores sobre as lendas e mitos na comunidade atribuídos a Pedra do Convento. Outros membros da comunidade sempre citam o nome do senhor João de Fausto como o grande detentor de conhecimentos (memórias) dos mitos relacionados o monumento.

Outra moradora também bastante conhecida por relatar suas memórias sobre o misticismo que envolve a Pedra Convento é a senhora Maria Elizabete da Silva, 68 anos de idade, maioria deles vividos no sítio Serra Velha, pois veio de família bastante

simples, entretanto casou-se cedo e foi morar com o seu esposo na cidade Pernambucana de Recife, onde em seus relatos a vida foi bastante difícil, trabalhando como faxineira, e deu marido (já falecido), o Francisco da Silva França, como servente em obras. Em 1998 ambos retornaram a terra natal. Sobre a sua memória da Pedra de Convento ela refere-se:

Sempre ouvi muito meu pai falar que essa Pedra é enfeitiçada, pois sempre aconteciam coisas estranha nela, lembro que um dia meu tio foi faxiar, e chegou bastante nervoso dizendo que tinha visto umas luzes em cima da Pedra do Convento e que essas luzes eram tão luminosas que não conseguia direcionar sua visão para essas luzes, porque fica quase cego. (MARIA ELIZABETE DA SILVA, 2015).

O relato destaca outro elemento interessante, presente na memória coletiva da comunidade, a menção sobre o aparecimento de luzes noturnas na Pedra do Convento. Todavia, muitos divergem deste tipo de manifestações.

4.2 JUVENTUDE E SEU OLHAR SOBRE OS MITOS DO CONVENTO.

Nesse espaço a abordagem do assunto é sobre os jovens da localidade e seu olhar sobre a Pedra do Convento, onde procurei buscar depoimentos com jovens entre idades de 18 aos 25 anos, coletando informações e opiniões sobre as lendas relacionadas ao monumento. Foram selecionadas para as entrevistas dois jovens que moram na comunidade Sítio Serra Velha, dois rapazes que sempre vão a Pedra do Convento buscando aventuras, e que conhecem a trilha de acesso da rocha como ninguém.

O primeiro entrevistado foi Ray de Assis Martins da Silva, 18 anos de idade, conhecido como Ray, estudante do Ensino Médio da Rede Estadual de ensino, filho de proprietários de um pequeno sítio na comunidade Serra Velha. Ao ser perguntado sobre os mitos que escutou sobre a Pedra do Convento e qual sua posição sobre o mesmo, o jovem respondeu:

Eu não acredito, mais tem gente que jura que viu algo de estranho, você ouviu o que seu João de Fausto falou, ele também sempre disse isso agente, porque quando subimos a trilha em direção a pedra, sempre paramos tomar água na casa dele, ele nos pergunta se vimos alguma coisa nessas visitas a Pedra, sempre digo que não, eu acho que essas histórias que o povo inventaram por causa das escrituras que tem lá na Pedra. (RAY DE ASSIS MARTINS, 2015).

Mas esta descrença pelo o chamado encantamento da Pedra do Convento, demonstrada por Ray, segundo ele mesmo não diminui em nada o seu sentimento de admiração pelo local:

Mai, o lugar é muito bonito né, quando a pessoa olha lá de baixo já vê com aqui é lindo, sempre vem gente aqui pra pratica de rapel, porque segundo um homem que sempre vem de João Pessoa em uma Van, disse que essa Pedra é ótima para fazer rapel por conta de seu formato e sua altura. (Idem).

Nesse momento percebemos que a Pedra do Convento, como foi citada por vários moradores, também atrai pessoas de outras cidades para a prática de esportes de aventura, tendo um cenário natural encantador.

Entretanto, sobre as escrituras existentes na pedra, não se tem nenhum conhecimento entre os moradores sobre algum estudo realizado sobre essas escrituras rupestres existentes tanto na Pedra do Convento, como em outras existentes por toda localidade Sítio Serra Velha.

Outro jovem que foi entrevistado e falou sobre o seu olhar sobre a Pedra do Convento, foi Rafael Fernandes de Andrade, estudante, 23 anos de idade, solteiro que mora com seus pais e mais três irmãos. Sua residência fica localizada um pouco distante da Pedra do Convento, sitiando no começo do distrito comunitário Serra Velha, distante cerca de quatro quilômetros do monumento.

O relato de Rafael Andrade sobre a história dos mitos não é diferente do outro jovem citado anteriormente. Segundo ele tudo “não passa de invencionice dos mais antigos”. Na sua concepção o mito afasta as crianças da curiosidade e do risco de subir a serra até chegar a Pedra do Convento que fica em um lugar alto e perigoso, e por este motivo foi criado histórias de aparições, no sentido de assustar.

Eu, já ouvi falar muito sobre acontecimentos naquele lugar, mais isso é conversa, já escutei de tudo, que aparece luzes misteriosas, fantasmas, já ouvi falar em até extraterrestres, o chamados Et's, isso foi uma senhora que mora no outro lado da serra que disse, viu uma luz, um clarão descendo do céu e parou em cima da Pedra, depois girou de maneira bem rápida e sumiu de uma só vez. (RAFAEL FERNANDES DE ANDRADE, 2015).

Diante dos relatos que envolvem o mistério da Pedra do Convento, percebemos que existe um grande leque de acontecimentos curiosos tanto por parte das crendices populares de mitos, reino encantado, como experiências sobrenaturais. Como também relatos que a Pedra do Convento serve como espécie de um portal para contatos extraterrestres, pois segundo Rafael Andrade muitos já ouviram falar ouviu sobre a chegada de objetos não identificados no céu, Ovni's, - sendo mais um mistério atribuída a Pedra do Convento. Porém os relatos que predominam em torno da Pedra, são as histórias sobre suas lendas de encantado ou feitiçaria, ligados a acontecimentos inexplicáveis em torno da Pedra do Convento.

Transmitidas de pais para filhos, as histórias dos populares servem de explicações para a existência das estranhas formas rochosas (as inscrições rupestres), cercadas de pontos interessantes e que merecem algum estudo futuro por parte de historiadores, paleontólogos e arqueólogos na região. Segundo os populares, a explicação para as pedras apresentarem aquelas formas bem desenhadas é simplesmente o fato que em num passado distante, todo o espaço da Pedra seria uma espécie de “cidade”, mas que por algum motivo, virou pedra, talvez por um “encantamento”, tendo um feiticeiro como responsável. As “cidades do passado” eram extremamente ricas, onde quase tudo era de ouro. Mesmo após o possível encantamento o ouro continuou, mas de forma sigilosa, através de aparições e cercadas de mistério. Surge a ideia de reinado encantado!

É comum encontrar relatos que há muitos anos atrás, numa dessas fendas encontradas nas rochas, “índios encantados” apareceram e mostraram o ouro existente. Eram talheres de ouro que poderiam ser usados e depois devolvidos. Os populares contam que muitas famílias costumavam pegar os talheres especialmente para festas de casamento ou batizados como foi relatado antes pela “Senhora Lia”, e que depois devolviam, até que um dia em que uma peça não foi devolvida, desde então nunca mais foi possível encontrar a fenda tão aberta como era, e muito menos os talheres. As “teorias” do “reino encantado” chegam a afirmar que o desencantamento só seria possível se for encontrada uma chave que ali esta escondida. Colocando-se a chave na fenda, o reino voltará a ser como antes e todo o ouro voltará a ser visível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Muito embora nos dias de hoje as pessoas, especialmente os mais jovens não dão tanta atenção a essas histórias, por não passar de meras “invencionices” ou como diz o ditado popular “histórias que o povo contam”, é bastante interessante e fascinante os relatos sobre a Pedra do Convento e seus “mitos”, pois não existe uma coisa uniforme, a Rocha sempre está ligada a uma lenda local.

Não podemos identificar quando estes relatos surgiram, entretanto é cabível dizer que isso é coisa de muito tempo, que pode ter transpassados séculos, e o meio da difusão dessa história sobre a Pedra do Convento foi por meio da oralidade atrelada a memória e lembranças, que a comunidade alimentou e compartilhou entre si, nessa perspectiva identificam dois grupos que divergem sobre esses acontecimentos

misteriosos envolvendo a pedra os jovens que tem conhecimento dos assuntos místicos que envolvem o lugar da Pedra do Convento como cenário de acontecimentos inexplicáveis, e que em sua concepção tudo isso não passa da imaginação local que inventou isso, há muito tempo como meio de restringir o acesso de menores a Pedra, por causa do local ser de difícil acesso, e também bastante perigoso por sua altura.

No outro lado da moeda os mais velhos, já fazem suas críticas aos jovens dizendo que, eles não conseguem ver tais acontecimentos por serem pessoas descrentes, pois em seus posicionamentos, deve-se ter Fé e adoração pela Pedra por se tratar de um lugar segundo eles sagrado para aquele povoado, porém ao passar dos tempos e com o mundo cada vez mais se modernizando, essa fé foi se perdendo entre as pessoas da localidade, ficando apenas a memória e as lembranças dos mais antigos que tiveram alguma experiência com a Pedra.

Porém, o lugar e sua história são belos, o lugar por sua beleza natural e as inscrições rupestres que impressiona a quem visita, e a história por trazer um sentimento de curiosidade e fascínio a quem escuta, pois quem relata, fala com veemência que a pessoa chegar a acreditar. Embora esse trabalho, não foi realizado com a intenção de dizer se é verdadeiro ou falso esses acontecimentos, e sim na incumbência de dar voz a essa história local tão difundida em uma comunidade e entender como os moradores dialoga entre si sobre esses fatos misteriosos da Pedra do Convento.

REFERÊNCIAS

- CHARROUX, Robert. **O Livro do Passado Misterioso**. 2ª Ed. Bertrand. Rio de Janeiro 1975. Tradução de Maria João Seixas.
- COELHO, Texeira, Cultura e Imaginário, **In: Dicionário Crítico de Política Cultural**. Iluminuras, São Paulo, 1997.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Imaginário** – Psicologia fenomenológica da imaginação. Ed Ática, SP, 1996.
- SERBANA, Carlos Augusto. **Imaginário, Ideologia e Representação Social**. Artigo Científico. Dezembro, 2003.
- BOURDIEU, Pierre, **A Economia das Trocas Simbólicas**, org. Sérgio Miceli, perspectiva. São Paulo, 2007.
- ALBERTI, Verena. **Histórias Dentro da História**. In: Fontes Históricas. Org. Carla Bassenezi Pinsky. Contexto, São Paulo, 2005.
- Uso & Abusos da História Oral/** Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadores – Rio de Janeiro, Editora Fundação Getúlio Vargas 1996.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1982.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **Rubro Veio – o imaginário da restauração pernambucana**. 2a. ed., Rio de Janeiro, Topbooks, 1997.
- CHARTIER, Roger. História intelectual e história das mentalidades. **In: A história cultural entre práticas e representações**, Lisboa: Difel, 1990.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 2ed, perspectiva, São Paulo, 1972.
- HALBWACHS. M. **A Memória Coletiva**. Vértice, São Paulo, 1990.
- HAERTER, Leandro. **Considerações Acerca do Processo de Pesquisa Sobre Pensamento Mitológico em Comunidades Negras Rurais – O Galo de Ouro**. Artigo Científico, 2008.
- BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História** – Especialidades e Abordagens, Petrópolis: Vozes, 2004.

FONTES:

Luzia Bezerra da Silva, data da entrevista 11 de Janeiro de 2015.

João de Fausto da Silva, data da entrevista 25 de Janeiro de 2015.

Maria Elizabete da Silva, data da entrevista 25 de Janeiro de 2015.

Ray de Assis Martins, data da entrevista 08 de Fevereiro de 2015.

Rafael Fernandes de Andrade, data da entrevista 08 de Fevereiro de 2015.